



***Os meios de comunicação
como fator de
ressignificação da
identidade indígena e da
construção da memória e
da cultura Mbyá-Guarani***

***The media as a factor
for the resignation of
indigenous identity and
the construction of the
memory of culture
Mbyá-Guarani***

Roberta Herter da Silva

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social da Universidade Feeval.
Mestra em Direitos Humanos pela UNIJUÍ. Advogada. Contato: roberta.h.s_@hotmail.com.

Norberto Kuhn Júnior

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008). Docente da Universidade Feevale. Contato: nkjunior@feevale.com.br

Resumo:

Esse trabalho visa analisar a ampliação dos contextos interativos e o seu efeito na reorganização dos padrões de interação social de um grupo indígena da etnia Mbyá-Guarani do estado do Rio Grande do Sul. Esse artigo é fruto da pesquisa de investigação do modo pelo qual os representantes de uma cultura indígena convivem com a manutenção do seu "nhadereko" e ao mesmo tempo, com o acesso constante aos meios de comunicação. A pesquisa é fruto da experiência etnográfica, tradicional e virtual (netnografia), que se consistiu em imersão no campo, escritas de diário, observação participante e entrevistas não-diretivas. Neste sentido, a partir dessa experiência é possível chegar à conclusão que os meios de comunicação, como facebook e whatsapp, acessados nessa aldeia por meio de smartphones, cumprem uma função histórica, não somente de salvaguardar, mas especialmente na construção da memória da cultura Mbyá-Guarani, resignificando a sua diferença cultural e as suas formas de interação social. Podem ser considerados instrumentos imprescindíveis à conquista de melhores condições de vida para esses indígenas, enquanto ferramenta de construção da cidadania Mbyá-Guarani.

Palavras-chave: Identidade Mbyá-Guarani. Meios de Comunicação. Ressignificação.

Abstract:

This paper aims to analyze the expansion of interactive contexts and their effect on the reorganization of the social interaction patterns of an indigenous Mbyá-Guarani ethnic group from the state of Rio Grande do Sul. This article is the result of research on the way in which representatives of an indigenous culture coexist with the maintenance of their "nhadereko" and at the same time, with constant access to the media. The research is a result of ethnographic, traditional and virtual experience (netnography), which consisted of immersion in the field, journal writing, participant observation and non-directive interviews. In this sense, from this experience, it is possible to conclude that the media, such as facebook and whatsapp, accessed in this village through smartphones, fulfill a historical function, not only to safeguard, but especially to build the memory of the Mbyá culture -Guarani, re-signifying their cultural difference and their forms of social interaction. They can be considered indispensable instruments for the achievement of better living conditions for these indigenous people, as a tool for the construction of Mbyá-Guarani citizenship.

Keywords: Mbyá-Guarani identity. Media. Re-signification.

Considerações iniciais

A década de 90 significou, para a mídia brasileira, um período de intensa transformação, isso porque as novas tecnologias alteraram o cenário das comunicações. Na contemporaneidade, os televisores a cabo transmitem noticiários de todo o mundo, as antenas parabólicas se multiplicaram e houve uma explosão no consumo, inicialmente de telefones celulares e posteriormente de *smartphones* e acesso a redes sociais. A partir da ampliação dos contextos interativos, vive-se a expectativa que todos os segmentos da sociedade possam expressar suas contribuições à construção de um Estado multicultural, na busca da revisão de preconceitos e do respeito pelas diferenças culturais, idealmente aproximadas pela via da comunicação.

Ser protagonista da rede global de comunicação também é a expectativa dos indígenas *Mbyá-Guarani* sujeitos da pesquisa. Assim, a ampliação dos contextos interativos significa, para alguns indígenas representantes dessa etnia, um duplo desafio, o de viabilizar seu espaço de protagonismo diante dos contextos interativos, e, de outro lado, o de construir a memória *Mbyá-Guarani* e ressignificar sua diferença cultural.

Identidade Cultural *Mbyá-Guarani*

Os povos tradicionais, inclusive os povos indígenas, possuem uma forma diferenciada de se constituírem enquanto sujeitos, de definirem a sua posição no mundo, e conseqüentemente, as formas de relacionamento com o outro e com a sua diferença. De acordo com Diegues e Arruda, esses povos possuem características de serem grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, com base na cooperação social¹.

Muñoz² enfatiza a importância dos mitos e sonhos na transmissão dos saberes indígenas, guiando esses povos por meio de mensagens espirituais e revelando os significados mais profundos de sua sabedoria. A oralidade é abordada por Silva³. A autora identifica nas narrativas dos povos indígenas um tratamento integrado das diversas dimensões da vida, em que a mística é inseparável dos processos de apreensão do mundo.

É possível analisar que a tradicional forma de transmissão do conhecimento indígena Guarani, é a oralidade, por meio do idoso originário, dessa forma, a sobrevivência da cultura depende, principalmente da oralidade dos membros da família, em especial dos idosos. Isso ocorre, porque os povos originários, os indígenas, construíram a história por meio da memória, por meio da oralidade dos mais velhos que relatam sobre o passado da etnia, revelam e criam um vínculo entre os jovens e

¹ DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

² MUÑOZ, Maritza Gómez. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, Enrique (Coord.). A complexidade ambiental. São Paulo: Cortez, 2003, p. 288.

³ SILVA, Caetana Juracy Rezende. Pensando a educação profissional e tecnológica integrada à educação escolar indígena. In: CLAUDINO, Zaqueu Key. Educação indígena em diálogo. Pelotas: UFPEL, 2010, p. 86.

sua história. O que é significativamente importante para a expansão do idioma guarani e para a preservação cultural.

Os mais velhos da aldeia contam com um valor especial para os indígenas, porque podem ser considerados os fios condutores da memória, da cultura, da língua, dos costumes, dos rituais e da mitologia. O cacique de uma aldeia *Mbyá*-Guarani, um jovem de 25 anos que carrega um sorriso tímido no rosto, relata, “minha mãe e meu pai me ensinaram muito, minha mãe era muito espiritualista, me ensinou que a natureza era sagrada, a terra é saúde, que Deus criou ela para manter a cultura tradicional” (diário de campo, 18 de julho de 2017).

Os mais velhos são respeitados por sua sabedoria diante das inquietudes vivenciadas pelos mais jovens, são consultados enquanto líderes sobre as mais variadas situações políticas e espirituais de seu povo, principalmente pelo cacique, o líder político do grupo. O envelhecimento humano é algo que atravessa todas as culturas e povos e na maior parte das sociedades indígenas a transmissão dos elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes é feita oralmente e são os idosos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência da cultura.

Na cultura *Mbyá*-Guarani é importante destacar o fato de que o envelhecimento humano não é compreendido da mesma forma que na sociedade envolvente. Assim, o processo de envelhecimento humano não é compreendido apenas sob a perspectiva biológica, mas principalmente social e cultural. Não há exclusão social do indivíduo quando ele se encontra nessa fase da vida, muito pelo contrário, essa fase aponta outras possibilidades de contribuição do indivíduo ao grupo social que ultrapassam o caráter produtivo.

É possível perceber, ao utilizar como ferramenta de pesquisa a netnografia, que é um ramo da etnografia que analisa o comportamento de indivíduos e grupos sociais na internet e as dinâmicas desses no ambiente virtual. O cacique da aldeia em sua página pessoal da rede social *facebook* lamenta o falecimento de sua tia, irmã de seu pai, que assumiu o papel de sua mãe na orientação aos mais jovens na aldeia, posteriormente ao falecimento de sua mãe biológica. O jovem cacique refere com tristeza que a tia era muito importante para todos da aldeia, inclusive todas as noites e manhãs os integrantes da aldeia reuniam-se na casa desta para ouvir seus ensinamentos (diário de campo, 18 de julho de 2017).

O cacique refere nessa postagem que não sabia como contar para sua filha, uma menina de 5 anos de idade, que a tia, que era considerada como mãe para todos da aldeia, havia falecido. O cacique, jovem sempre muito esperançoso, enfatizou que devido a isso, estava sem força para prosseguir sua luta, se referindo aos direitos dos *Mbyá*-Guarani, e ao final da postagem lembrou que a tia sempre cuidara de todos da aldeia e agora, estando no céu, continuará cuidando. Assim, o relacionamento dos idosos com os jovens na cultura *Mbyá*-Guarani propõe um círculo de amizade, aprendizagem e respeito mútuo.

A intrínseca relação com os elementos naturais também são características dos povos indígenas e não diferente dos *Mbyá-Guarani*. Tempass⁴ salienta que os *Mbyá-Guarani* se consideram guardiões da natureza, com seu modo de ser, o seu *nhandereko*⁵, fundamentado em um respeito à diversidade, sendo sua sustentabilidade, em grande parte, proveniente das matas, por meio de coletas em que é retirado somente o necessário para a utilização, com o corte na época em que as plantas brotam mais facilmente e o cuidado para que não haja esgotamento das espécies. Essa intrínseca relação com o meio ambiente é perceptível na fala dos de muitos representantes da cultura *Mbyá-Guarani*, inclusive nas postagens do cacique em sua página de rede social.

Na imagem postada em sua rede social, o cacique, com os pés descalços ao solo, após fazer uma “*selfie*”, demonstra com um sorriso nos lábios, e escreve em sua página que se sente abençoado por estar próximo a natureza, o que torna clara a imprescindibilidade do meio ambiente para a cultura *Mbyá-Guarani*.

A continuidade da sabedoria ancestral *Mbyá-Guarani* se dá a partir da vivência cotidiana comunitária, com fundamentos espirituais, ritualísticos, ecológicos e artísticos, em um modo de ser que está intimamente conectado com a existência da aldeia, que em guarani significa *tekoá*, que é o espaço onde vivem coletivamente e necessitam ter elementos naturais, como fonte de água, terra apropriada para plantio e áreas de mata, com disponibilidade de lenha, frutas, ervas para uso medicinal e matéria-prima para construção do artesanato.

Outro aspecto a ser considerado na cultura *Mbyá-Guarani* é a alegria. Pissolato⁶ se refere à alegria como um tema que faz parte do cotidiano *Mbyá-Guarani*, dando forma às suas falas, aos comentários sobre suas andanças e constituindo um motivo para o cuidado de si e do outro. Para Menezes⁷ a alegria faz parte da aprendizagem *Mbyá-Guarani*, a qual reúne aspectos sensoriais, reflexivos e emocionais, por meio da vivência, criatividade, afetividade e arte.

E no clima de alegria e risos, a atitude das crianças indígenas *Mbyá-Guarani*, na maior parte do tempo, é de observação atenta da forma como os adultos agem, falam e se relacionam entre si e com os brancos que visitam a aldeia. A fala de jovem indígena de 25 anos reflete isso quando o mesmo se refere ao ensinamento dos mais jovens em relação ao meio ambiente, “os mais velhos ensinam a cuidar, a gente mostra como cuidar” (diário de campo, 18 de julho de 2017).

Os indígenas *Mbyá-Guarani* e a utilização das mídias

A ampliação dos contextos interativos, com a profusão da internet e das novas tecnologias surgiu como novas alternativas de comunicação, já que a mídia até o final do século XX se

⁴ TEMPASS, Martín César. Orerémbiú: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia *Mbyá-Guarani*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

⁵ Na tradução para o português significa o criador de todas as coisas.

⁶ PISSOLATO, Elizabeth. A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo *mbya* (guarani). São Paulo: Editora UNESP, 2007.

⁷ MENEZES, Ana Luísa Teixeira de. A alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem guarani. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

concentrava em difundir seu conteúdo de forma massiva por meio principalmente de rádio, televisão e impressos.

A internet se destaca pelo modo ágil e instantâneo como as informações podem ser publicadas e dispersas por todo o mundo, não são mais fixas a um ambiente físico e são, muitas vezes, acessíveis a maioria das pessoas por tempo indeterminado. Um dos fatores mais importantes da profusão da internet foi seu caráter de interatividade digital. Isso porque, a internet possibilitou uma grande interação entre os usuários, até então não exploradas pelos meios de comunicação convencionais. A interação é característica comum das interações sociais do cotidiano, mas a ascensão das tecnologias e relações digitais ajudou a ampliar esse contexto.

De acordo com Silva⁸, a utilização das mídias, como a internet, possibilita uma comunicação reticular, se consubstanciando em um espaço público, em um fórum híbrido em que o sujeito vive a possibilidade de ambivalência entre o local e o global, entre o eu e o anonimato, entre o eu e o outro, entre a pertença e o desenraizamento, entre a nacionalidade e o cosmopolitismo. Segundo Lévy⁹, a rede possibilita a geração de espaços de saberes e sua expansão.

Desse modo, devido a seu caráter de alcance espacial ilimitado, a internet modifica as coordenadas dos conceitos de território e comunidade. Simultaneamente segundo Silva¹⁰, surge o indivíduo que está enraizado num lugar físico e, por outro lado, suspenso na pluralidade de espaços que a navegação em rede lhe permite. Desse modo, segundo Soares¹¹,

novas tecnologias dão a cada um de nós um poder sem precedentes de construir o nosso próprio mundo de referência, de encontrar as pessoas que realmente nos interessam, estejam onde estiverem, de aprender e ensinar sobre aquilo que realmente queremos que faça parte da nossa vida.

Na aldeia os indígenas *Mbyá-Guarani* são afetados pela profusão das mídias e utilizam de aparatos tecnológicos como *smartphones* para acesso a redes sociais como *facebook* e a aplicativos como *whatsapp*, entre outros. Anteriormente aos *smartphones*, esses indígenas utilizavam telefones celulares para a comunicação a longa distância, porém nessa época poucos indígenas tinham acesso a essa tecnologia.

Os telefones celulares começaram a ser comercializados no Brasil no início dos anos 90. Desde então, o consumo desse aparato tecnológico vem sofrendo inúmeras reconfigurações, principalmente pelo avançado desenvolvimento tecnológico empregado na melhoria dos aparelhos móveis, transformando-se em *smartphones* e outros dispositivos móveis.

⁸ SILVA, Lúcia J. Oliveira L. Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. In: ALVES, José Augusto; CAMPOS, Pedro e BRITO, Pedro Quelhas (coord.). O Futuro da Internet – Estado da arte e tendências de evolução. Lisboa: Centro Atlântico, 1999, p. 1.

⁹ LÉVY, 1999, p. 92.

¹⁰ SILVA, 1999, p. 5.

¹¹ SOARES, Luís. Contra a Corrente: Sete premissas para construir uma comunidade virtual. In: ALVES, José Augusto; CAMPOS, Pedro; BRITO, Pedro Quelhas (coord.). O Futuro da Internet – Estado da arte e tendências de evolução. Lisboa: Centro Atlântico, 1999, p. 75.

O *smartphone* é um modelo de telefone celular, que significa em inglês “telefone inteligente”. Possui tecnologias avançadas, incluindo programas executados em um sistema operacional, equivalente ao dos computadores, como *hardware* e *software*, pois são capazes de conectar redes de dados para acesso à internet. Desse modo, possibilitam ao indivíduo o acesso às informações, por meio da internet, com muito mais velocidade e em aparelhos inclusive de tamanhos menores, mas com funções semelhantes às de um computador.

Se, no início de sua comercialização, os telefones celulares eram considerados um bem de luxo, na contemporaneidade, os *smartphones* podem ser considerados um objeto que auxilia na qualidade de vida e bem estar social dos indivíduos. O consumo de telefones celulares e *smartphones* no Brasil cresceu significativamente nas últimas décadas.

Segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações, a ANATEL, há a existência de aproximadamente 242,2 milhões de linhas ativas no país em 2011. No entendimento de Bourdieu¹², além de suas funções utilitárias, o produto assume significado simbólico, servindo à construção da identidade, à inserção no grupo e à distinção entre os membros de um mesmo grupo social.

É possível relacionar o conceito de conectividade à sensação de ligação emocional entre indivíduos, onde essa ligação não tem relação com a interação direta dos outros participantes, mas com o envolvimento psicológico. Desse modo, a conectividade está relacionada ao sentimento de estar ligado a outros indivíduos e não com a ligação em si, como o sentimento de estar em contato, sentimento de partilha, pertencimento e intimidade.

Assim, é possível identificar o uso dos *smartphones* como uma forma de suprir as necessidades de conectividade, ou seja, um meio de manter-se em contato constante com a família e amigos, associado ao sentimento de pertencimento ao grupo. Os *smartphones* podem ser considerados artefatos-símbolo da contemporaneidade, o que implica considerar o caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo conforme alertado por Bourdieu¹³.

Dessa maneira, muito além da mera função utilitária, os *smartphones* carregam significados, daí seu caráter simbólico, e atuam como sistema de comunicação, de aproximação. Os indivíduos os utilizam para constituir a si mesmos e ao mundo, criando desta forma um universo compreensível. Assim, podem ser considerados como artefato- símbolo de pertencimento a um grupo e parte da identidade de um indivíduo.

No contexto da sociedade de consumo globalizada, como um dos artefatos símbolo da contemporaneidade. Bauman¹⁴ compreende os pertences portáteis ou descartáveis como os principais objetos culturais da era da instantaneidade. Douglas e Isherwood¹⁵ entendem o consumo como uma dimensão da vida social fundamental nas chamadas sociedades urbanas e pós-industriais

¹² BOURDIEU, P. A distinção. São Paulo: Zuk/EDUSP, 2006.

¹³ BOURDIEU, 2006.

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 149.

¹⁵ DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

contemporâneas. Para os autores os consumidores, ao consumirem determinado produto, também estão consumindo toda uma gama de significados simbólicos que expressam pertencimento ao mundo social.

É nesse sentido que para Douglas e Isherwood¹⁶ os consumidores, embora sempre sujeitos a determinados padrões de consumo e convenções sociais pré-estabelecidos, têm a capacidade de manipular os bens simbólicos dentro de regras e códigos culturais elaborados por eles mesmos.

A forma como se dá a utilização de celulares e *smartphones* é determinado pelo ambiente social e cultural, assim, ocorrem apropriações e reapropriações dessa tecnologia a partir de especificidades locais, o que demonstra que as práticas de consumo, muito além da posse de bens, estabelecem modos de ser e viver que interagem com a construção de subjetividades, pois funcionam como instâncias mediadoras das emoções e mantenedoras dos laços sociais.

Como hipótese é possível pensar que o uso de *smartphones* pelos jovens indígenas *Mbyá-Guarani* seja uma maneira de ter privacidade em uma vida altamente regulada pelos mais velhos, pela cultura tradicional, na qual os adolescentes encontram-se sob supervisão constante, principalmente no relacionamento com os *juruás* e, portanto, têm poucas oportunidades para conversas privadas com desconhecidos.

Um jovem indígena da aldeia com 16 anos relatou que achava as mulheres muito bonitas, e questionado se achava mais bonitas as indígenas ou as *juruas*, o indígena, dando sorriso tímido, com a cabeça baixa, respondeu com voz mansa e baixa que preferia as brancas. Logo, os outros indígenas começam a rir e olhar espantado para ele. O indígena com a intenção de se desculpar com os outros indígenas, afirmou: “era brincadeira, prefiro as guarani” (diário de campo, 18 de julho de 2017).

Uma jovem indígena de 18 anos de idade refere que o telefone é muito importante para ela (referindo-se a seu *smartphone*), e está sentindo-se muito triste porque perdeu o seu celular, lembra nesse relato que avisou pelo *facebook* desse fato e de que não poderia mais conversar pelo *whatsapp* (diário de campo, 18 de julho de 2017).

É possível refletir acerca do fato de que possivelmente utilizam o *smartphones* para estabelecer redes de relacionamentos, utilizam inúmeras estratégias de formação dessas redes, sendo os meios de comunicação um importante instrumento para a criação de comunidades espirituais, para a busca por parceiros sexuais, como estratégia de sobrevivência adotada quando necessita solicitar ajuda financeira de parentes ou amigos em melhores condições financeiras.

Para McLuhan¹⁷ o telefone celular pode ser pensado como uma extensão do corpo humano, tanto em termos de novas concepções de corporalidade, quanto de novas práticas sociais e culturais. Segundo o autor, o consumo desse aparato tecnológico desempenha um papel importante na

¹⁶ DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006.

¹⁷ MCLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem. 3a. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

construção de imaginários, de identidades e do mundo social, as quais dão conta de similaridades e especificidades locais na apropriação de uma tecnologia global.

A centralidade que os telefones celulares, especialmente os *smartphones*, adquiriram na vida cotidiana aponta para sua consolidação como uma forma importante de inclusão simbólica dos atores sociais em uma lógica de contemporaneidade que é fortemente marcada pela instantaneidade, pela mobilidade e pela virtualidade. Nesse sentido, possuir um *smartphone* torna-se uma maneira de estar no mundo e ser protagonista de sua história, mediada pelas tecnologias de comunicação e informação, que é cada vez mais característica da cultura contemporânea.

Para o Galperin e Mariscal¹⁸, o consumo de telefones celulares contribui como uma ferramenta de fortalecimento de laços sociais de seus usuários, bem como o fortalecimento das redes de confiança. Assim, ao mesmo tempo em que é utilizado como forma de comunicação, pela conversa, por mensagem de texto, pelo envio de imagens, da mesma forma, pode ser visto como construtor de subjetividades, pois estão interferindo nas construções sociais, ao estarem presentes na vida cotidiana dos indivíduos independente da idade, graus de instrução, gênero, etnia e localização geográfica.

A atuação dos meios de comunicação representa para Thompson¹⁹ a ampliação dos contextos interativos, cuja consequência é a interferência na reorganização dos padrões de interação social dos indivíduos. Desse modo, segundo o Thompson²⁰, “o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais”.

A tecnologia móvel permite ao indivíduo se comunicar a qualquer momento e em qualquer lugar, dessa forma, a mobilidade muda a forma dos seres humanos interagirem, afetando suas relações sociais, familiares, afetivas e profissionais. No que tange ao convívio com os meios de comunicação, os indígenas desfrutaram do consumo de rádio e televisão, além de muitos utilizarem *smartphones*, esse constitui o perfil singular da aldeia *Mbyá*-Guarani estudada, ou seja, à medida que os indígenas visam a preservação de suas tradições, ao mesmo tempo, desfrutaram do acesso às novas tecnologias, deste modo, é possível identificar nesse grupo a chamada nova ancoragem da tradição, na acepção de Thompson²¹.

Segundo Thompson²², a tradição não é coisa do passado, porque o seu caráter mutável está ligado à mídia que a reelabora, mantendo-a viva, ou seja, presentificando o passado, à medida que se reporta a determinadas realidades sócio culturais. Segundo o autor, o pensamento social clássico (representado por Marx) difundiu durante anos que “o desenvolvimento das sociedades modernas é

¹⁸ GALPERIN, Hernán; MARISCAL, Judith. Pobreza y Telefonía Móvil en América Latina y el Caribe. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2007.

¹⁹ THOMPSON, John B. A mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de O. Brandão. Leonardo Avritzer rev.10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

²⁰ THOMPSON, 2008, p. 77.

²¹ THOMPSON, 2008, p. 77.

²² THOMPSON, 2008, p. 77.

acompanhado por um declínio irreversível do papel da tradição”²³. Para Thompson²⁴, esta ideia teria sido revitalizada por teóricos que afirmavam que “o desenvolvimento das sociedades modernas implica num processo de desenraizamento das tradições”.

As tradições não correm o risco de “perder suas raízes” e desaparecer, segundo Thompson²⁵, mas passam por um processo de transformação, sendo cultivadas de novas formas, em outros contextos interativos. Para o autor, “as tradições transmitidas oralmente continuam a desempenhar um papel importante na vida cotidiana dos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação”²⁶. O cacique da aldeia questiona, “se os brancos podem ter celular, porque nós não podemos?” e refere que a cultura está mudando, mas que muito da cultura tradicional *Mbyá*-Guarani ainda persiste na contemporaneidade (diário de campo, 18 de julho de 2017).

Essa fala do cacique vai ao encontro das ideias de Thompson²⁷ que chega à tese da nova ancoragem da tradição, segundo o autor, a tradição não se limita mais aos contextos práticos da vida cotidiana, mas tem como característica ter se expandido, se renovado e sido ancorada em novos contextos interativos, que vão muito além dos limites das situações de origem.

Nesse ínterim, os indígenas *Mbyá*-Guarani não deixaram de vivenciar os seus costumes, seu *nhadereko*, como por exemplo, a realização das cerimônias de batismo, que acontecem com a presença de todos cantando e dançando, no plantio de alimentos, na pesca, no ensaio diário do coral, na língua guarani falada por todos da aldeia, na conservação diária do fogo aceso, entre outros exemplos, que foram presenciados durante a experiência etnográfica.

Nesse sentido, a nova ancoragem da tradição, consiste, entre outras formas de ocorrência, no fato desses indígenas poderem vivenciar as suas tradições diante dos contextos interativos, conseguindo, ao mesmo tempo, registrar a memória da sua cultura, tanto para a sociedade indígena e seus descendentes, quanto para a sociedade envolvente.

O conjunto das atividades desenvolvidas pelos indígenas *Mbyá*-Guarani nas interações sociais pelas quais ressignificam a tradição no presente, retrata bem a reflexão de Coutinho²⁸, ao constatar que “cada grupo social constrói suas tradições interpretando e se apropriando do passado, de acordo com perspectivas e interesses efetivamente definidos pelas relações sociais existentes”.

Coutinho²⁹ argumenta que “a categoria de tradição não significa apenas conservação, como quer o senso comum: ela carrega consigo a ideia de ruptura”. E, acrescenta o autor que, a “conservação e ruptura determinam uma seleção e, necessariamente, uma reinterpretação dos signos

²³ THOMPSON, 2008, p. 159.

²⁴ THOMPSON, 2008, p. 159.

²⁵ THOMPSON, 2008, p. 160.

²⁶ THOMPSON, 2008, p. 160.

²⁷ THOMPSON, 2008, p. 160.

²⁸ COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da Tradição. In: Barbalho, Alexandre; Paiva, Raquel (Orgs.). Comunicação e Cultura. São Paulo: Paulus, 2005, p. 87.

²⁹ COUTINHO, 2005, p. 95.

do passado”³⁰. Nesse sentido, segundo Thompson³¹ é possível que as sociedades indígenas se apropriem dos recursos tecnológicos para dar novos sentidos às suas práticas tradicionais.

As tecnologias de informação consistem contemporaneamente em extraordinárias estratégias de luta e resistência, podendo contribuir tanto no processo de organização social da população indígena, bem como na difusão de aspectos culturais indígenas, no intuito de preservar e fortalecer a cultura destes povos.

Os meios de comunicação como fator de ressignificação da identidade indígena e da construção da memória da cultura *Mbyá-Guarani*

O preconceito difundido na mídia brasileira acerca do suposto “primitivismo” ou da “fragilidade” das culturas indígenas é o que, provavelmente, justifica o paternalismo sobre o destino dos indígenas, como afirmou o sociólogo e cientista político Hélio Jaguaribe³² quando ocupou os meios de comunicação para declarar que,

o Brasil não terá índios no final do século XXI (...) E por que isso? Pela razão muito simples que consiste no fato de o índio brasileiro não ser distinto das demais comunidades primitivas que existiram no mundo. A história não é outra coisa senão um processo civilizatório, que conduz o homem, por conta própria ou por difusão da cultura, a passar do paleolítico ao neolítico e do neolítico a um estágio civilizatório.

Essa versão etnocêntrica da história brasileira que envolve o relacionamento com as sociedades indígenas não é confirmada pela história contemporânea. Segundo Jaguaribe³³, o futuro da cultura indígena seria conduzido à absorção por conta própria ou por difusão de elementos da cultura envolvente. Para o sociólogo o uso de equipamentos eletrônicos pelos indígenas se consubstanciava como um sinal de assimilação e perda de identidade cultural.

É possível refletir acerca das implicações dos avanços tecnológicos que estão à disposição dos indígenas e apreendidos por esses. Não é possível considerar que representem, por si só, um progresso rumo ao estágio que o sociólogo Jaguaribe denominou “civilizado”. Isso porque, as articulações indígenas, por meio dos recursos tecnológicos, experimentam uma nova forma de organização que aliam a utilização das tecnologias de informação com a ideia de rede ou teias apresentada por Alvarez, Dagnino e Escobar³⁴.

A ideia de rede ou teia trazida pelos autores representa o estabelecimento dos múltiplos laços e imbricações entre grupos sociais e indivíduos. Assim, é possível falar num alcance cultural e político dos recursos tecnológicos que ultrapassa as fronteiras do território das aldeias. Neste sentido, a distância entre estas passa a ser menor com a utilização das redes sociais, da mesma forma que a

³⁰ COUTINHO, 2005, p. 95.

³¹ THOMPSON, 2008, p. 160.

³² JAGUARIBE, Hélio. Folha de São Paulo, 2 de setembro de 1994.

³³ JAGUARIBE, 1994, p. 1.

³⁴ ALVAREZ, S. E., DAGNINO, E., ESCOBAR, A. (Org.); A cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

articulação com outros movimentos e grupos sociais se torna possível. O conceito de comunidade não se restringe mais ao território físico e a prática social e comunicativa realizada dentro de um espaço geográfico limitado. Segundo Peruzzo³⁵,

há mudanças substanciais nas concepções de comunidade, ao mesmo tempo em que alguns de seus princípios ainda se verificam. O sentimento de pertença, a participação, a conjunção de interesses e a interação, por exemplo, são características que persistem ao longo da história, enquanto a noção de lócus territorial específico como elemento estruturante de comunidade está superada pelas alterações provocadas pela incorporação de novas tecnologias da informação e comunicação. Sem menosprezar que a questão do espaço geográfico continua sendo um importante fator de agregação social em determinados contextos e circunstâncias.

De certo modo é possível, romper com a ideia da perda de identidade cultural, a partir da apropriação pelos indígenas de aparatos tecnológicos em seu cotidiano. Os *Mbyá*-Guarani passam a se expressar por meio da utilização dos *smartphones*, com acesso a redes sociais e aplicativos de comunicação, isso porque, o contato dinâmico com as redes digitais é uma forma também de registrar, manter e globalizar as tradições indígenas.

É possível visualizar isso, quando em 3 de maio de 2017, durante um importante evento que ocorreu na cidade do interior onde localiza-se a aldeia, o cacique publica em sua página pessoal do *facebook* a apresentação do coral, que ensaiam diariamente na aldeia, com a finalidade de divulgação da cultura *Mbyá*-Guarani.

De acordo com Peruzzo³⁶, em se tratando de comunicação contra-hegemônica, a mídia retira os indígenas do papel de meros espectadores ou ouvintes e os coloca como difusores e produtores de conteúdo. A internet ajuda a romper limites geográficos, quebrando a ideia de que a comunicação está restrita a um limite territorial. Nesse sentido também, o cacique divulga em sua página de rede social seu esforço em transcrever da língua guarani para a língua portuguesa, uma espécie de dicionário guarani-português.

Em conversa pelo *whatsapp*, perguntado ao cacique se o mesmo já terminou sua transcrição ele refere que “Ainda não. Vou fazer ainda e falta muito tbm ehehe”. O cacique acredita que os visitantes precisam conhecer mais a língua guarani para poderem se comunicar melhor com eles (diário de campo, 18 de julho de 2017). Daí a motivação do indígena para a criação desse material de estudo.

Peruzzo³⁷ situa a questão do direito à comunicação enquanto dimensão dos direitos humanos, como dimensão específica de direitos, de quinta geração, ou dimensão comunicacional da cidadania. A categoria de direitos de quinta dimensão conforme Leite³⁸ pode ser considerada “como o sistema

³⁵ PERUZZO, Cicilia M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. Palavra Clave: Revista da Facultad de Comunicación. Cundinamarca/Colombia, Universidad de La Sabana, v. 11, n. 2, p. 367-379, dez. 2008, p. 12.

³⁶ PERUZZO, 2008.

³⁷ PERUZZO, 2008.

³⁸ LEITE, José Adércio Sampaio. A constituição reinventada pela jurisdição constitucional. Belo Horizonte: Del Rey, 2002, p. 302.

de direitos que anda a incorporar os anseios e necessidades humanas que se apresentam com o tempo, há quem fale já de uma quinta geração dos direitos humanos com múltiplas interpretações”. Assim, acerca do direito de poder se comunicar, segundo Peruzzo³⁹,

a concepção de direito humano à comunicação se renova, principalmente, por enfatizar a dimensão do acesso ao poder de comunicar, pois, implica do empoderamento das tecnologias e demais condições necessárias a sua concretização.

Desse modo, segundo a autora, é preciso, pois, democratizar o poder de comunicar, assegurando o direito de acesso do cidadão e de suas organizações coletivas aos meios de comunicação social na condição de emissores, produtores e difusores, de conteúdos⁴⁰.

O indígenas veem a comunicação por meio da rede como uma forma de se integrarem ao mundo globalizado sem perder suas raízes, perpetuando suas tradições e divulgando-as. Os indígenas da aldeia utilizam-se diariamente da rede social *facebook* para comunicação e divulgação da cultura.

Essa é uma forma de afirmar a presença indígena no ambiente digital, inserindo o cotidiano e a cultura desses povos dentro da cidade, da mesma forma, se apropriando desse espaço, sem que se distanciem de suas tradições. Um indígena da aldeia de aproximadamente 24 anos sempre que vai à cidade entra em sua página de rede social para fazer *check-in* nos lugares que frequenta, sendo assim, na grande maioria das postagens de sua página o mesmo encontra-se em sorveterias, restaurantes, lojas, entre outras.

Mas ao mesmo tempo em que esse jovem indígena demonstra, por meio de sua página de rede social, que os indígenas se apropriam dos espaços da cidade, de outro lado, também utiliza essa mídia para divulgação do coral indígena. Da mesma forma, utiliza-se dessa mídia para demonstrar seus gostos, principalmente pela *Byta*, espécie pudim de milho, alimento tipicamente indígena.

Além disso, Peruzzo⁴¹ também chama a atenção para a comunicação vinculada às lutas mais amplas de segmentos empobrecidos da população, embora muito organizados, que tem a finalidade de contribuir para solucionar problemas que afetam o dia-a-dia das pessoas e a ampliar os direitos de cidadania.

Segundo a Peruzzo⁴² a comunicação ajuda a ampliar a efetivação dos demais direitos de cidadania, porque contribui para gerar conhecimento e para mudar as condições concretas de existência, além disso, serve para o fortalecimento das redes e como consequência, da própria identidade cultural, devido a seu caráter mobilizador.

Assim, os meios de comunicação podem ser considerados como fator de ressignificação da identidade indígena e da construção da memória da cultura indígena, nesse caso específico, a cultura

³⁹ PERUZZO, Cicilia M. K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: *Contemporânea - Comunicação e Cultura*, v.11, n.01, jan-abril 2013, p. 56.

⁴⁰ PERUZZO, 2013, p. 56.

⁴¹ PERUZZO, 2008, p. 2.

⁴² PERUZZO, 2013, p. 56.

Mbyá-Guarani. A memória, nesse contexto, tem importância ao dar voz e legitimidade aos indígenas que foram condenados ao esquecimento e ao silêncio⁴³. É, portanto, o registro da memória é o instrumento de transmissão da cultura e da história das sociedades ágrafas. Thompson⁴⁴ afirma que,

as tradições transmitidas oralmente continuaram a desempenhar um papel importante na vida cotidiana de muitos indivíduos. E mais, as tradições mesmas foram transformadas à medida que seu conteúdo simbólico foi sendo assumido pelos novos meios de comunicação. A mediatização da tradição dotou-lhe de uma nova vida: a tradição se libertou das limitações da interação face a face e se revestiu de novas características. A tradição se desritualizou; perdeu sua ancoragem nos contextos práticos da vida cotidiana. (...) preparou-lhes o caminho para que se expandissem, se renovassem, se enxertassem em novos contextos e se ancorassem em unidades espaciais muito além dos limites das interações face a face.

Melià, Saul e Muraro⁴⁵ tratam da importância da memória *Mbyá*-Guarani ao explicar que

os Guarani não são uma simples justaposição de sincronias distribuídas por diversos espaços geográficos, com denominações e modo de ser dialetalmente diferenciados. A etnia se articula também em torno de tradições e memórias que lhe dão profundidade e sentido histórico.

A relação dos meios de comunicação, como a utilização de *smartphones*, com a cultura indígena *Mbyá*-Guarani levou essa pesquisa para muito além do que se esperava. Levou essa pesquisa à reflexão sobre as implicações dessa relação na construção da cidadania indígena, ou seja, na cidadania enquanto possibilidade de poder ser ouvido, de expressão enquanto grupo social marginalizado historicamente, que permite o encontro com o outro, com o diferente.

Assim, é possível realçar a comunicação dos indígenas nas redes sociais como direito à participação, que possibilita o resgate dos valores humanitários, comunitários, da rede de cooperação, de solidariedade, coletivos e interpessoais, como um campo possível e propício para a construção da cidadania. O desafio para os *Mbyá*-Guarani é aliar a utilização dos aparatos tecnológicos para narrar a sua história e difundir os seus costumes, o seu *nhandereko*, a um agir para transformar a realidade em que vivem, na busca de qualidade de vida para esse povo.

Por meio da experiência etnográfica e netnográfica com os indígenas foi possível perceber nitidamente a manutenção do modo tradicional de vida *Mbyá*-Guarani, por meio do relacionamento harmônico com a fauna e a flora, pela alimentação, pela produção e comercialização de artesanato, pela realização de uma economia de subsistência, pelo uso da língua guarani, pelo cultivo de danças e da musicalidade tradicional por meio do ensaio diário do coral, visualizado durante a experiência em campo e nas páginas pessoais da rede social *facebook* de cada um dos indígenas que utilizam essa ferramenta tecnológica.

Sendo assim, os indígenas da aldeia não deixaram de vivenciar aspectos imprescindíveis que caracterizam a identidade cultural *Mbyá*-Guarani. Ou seja, nesse sentido, esses indígenas vivenciam

⁴³ CUNHA, M. Carneiro (org.). História dos índios no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras, 1992, p. 22.

⁴⁴ PERUZZO, 2008, p. 160.

⁴⁵ MELIÀ, B.; SAUL, M.V.A.; MURARO, V.F. O Guarani: uma bibliografia etnológica. Santo Ângelo: Fundação Nacional PróMemória/ FUNDAMES, 1987, p. 55.

seu *nhandereko* diante da sua inserção em contextos interativos, com o consumo de tecnologias como *smarthphones* e computadores para o acesso às redes sociais e aplicativos como *whatsapp*, conseguindo, ao mesmo tempo, manter viva a memória da sua cultura, por meio da ressignificação cultural.

Conclusão

O que se objetivou, com êxito, nesse trabalho, foi demonstrar que a apropriação de elementos culturais externos, como os meios de comunicação e os aparatos tecnológicos não têm como consequência direta a perda da identidade cultural indígena como dizia na década de 90 o cientista político Jaguaribe.

Por meio de movimentos locais e nacionais os povos indígenas vêm se articulando, sobretudo por meio de novas formas de organização que fortalecem sua presença no país. É nesse contexto de intensificação do contato que esses povos têm tido a oportunidade de reafirmar sua diferença cultural no país e lutar pelos seus direitos de cidadania.

A experiência dos indígenas brasileiros demonstra que a vivência e a afirmação das diferenças resulta de experiências de múltiplas formas de articulação de interesses econômicos, políticos ou culturais na interação com a sociedade envolvente. Assim, a apropriação da tecnologia, por garantir o contato e a comunicação entre as culturas, fortalece as diferenças culturais.

O debate acerca da diferença cultural representa para os indígenas uma oportunidade ímpar de reivindicação de um espaço próprio e a busca por um futuro mais digno. Os povos indígenas se fortalecem em situações de comunicação, isso porque, com a utilização dos meios de comunicação como *facebook* e *whatsapp*, selecionam, reconstróem e fortalecem a cultura e suas manifestações, as quais desejam preservar para as futuras gerações.

Assim, a utilização dos meios de comunicação como *smartphones* pelos *Mbyá-Guarani* pode ser apenas um ato individual, despojado de sentido coletivo, entretanto, pode ser um ato transformador, de construção de vínculos comunitários, de pertença e de registros da memória, de conquistas de direitos e da ressignificação da diferença cultural. Aí reside o poder de transformação da realidade.

Os aparatos tecnológicos, como ferramentas de comunicação, podem ser considerados instrumentos imprescindíveis à conquista de melhores condições de vida para esses indígenas. Assim, esse artigo refletiu sobre a importância das tecnologias de comunicação para o registro da memória e da cultura indígena e para a ressignificação de sua diferença cultural. Enfatizou a comunicação enquanto ferramenta de construção da cidadania *Mbyá-Guarani*, concluído com êxito o seu intento.

Referências

ALVAREZ, S. E., DAGNINO, E., ESCOBAR, A. (Org.); *A cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, P. *A distinção*. São Paulo: Zuk/EDUSP, 2006.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da Tradição. In: Barbalho, Alexandre; Paiva, Raquel (Orgs.). *Comunicação e Cultura*. São Paulo: Paulus, 2005.

CUNHA, M. Carneiro (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo. *Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

GALPERIN, Hernán; MARISCAL, Judith. *Pobreza y Telefonía Móvil en América Latina y el Caribe*. Lima: Diálogo Regional sobre Sociedad de la Información, 2007.

JAGUARIBE, Hélio. *Folha de São Paulo*, 2 de setembro de 1994.

LEITE, José Adércio Sampaio. *A constituição reinventada pela jurisdição constitucional*. Belo Horizonte: Del Rey, 2002.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. 3a. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

MELIÀ, B.; SAUL, M.V.A; MURARO, V.F. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Ângelo: Fundação Nacional PróMemória/ FUNDAMES, 1987.

MENEZES, Ana Luísa Teixeira de. *A alegria do corpo-espírito saudável: ritos de aprendizagem guarani. Tese de Doutorado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, 2006.

MUÑOZ, Maritza Gómez. *Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária*. In: LEFF, Enrique (Coord.). *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. K. *Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos*. In: *Contemporânea - Comunicação e Cultura*, v.11, n.01, jan-abril 2013, p. 138-158. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/download/6980/6087> Acesso em: 25 de julho de 2017.

_____. *Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. Palavra Chave: Revista da Facultad de Comunicación*. Cundinamarca/Colombia, Universidad de La Sabana, v. 11, n. 2, p. 367-379, dez. 2008.

PISSOLATO, Elizabeth. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SILVA, Caetana Juracy Rezende. Pensando a educação profissional e tecnológica integrada à educação escolar indígena. In: CLAUDINO, Zaqueu Key. *Educação indígena em diálogo*. Pelotas: UFPEL, 2010.

SILVA, Lídia J. Oliveira L. Globalização das redes de comunicação: uma reflexão sobre as implicações cognitivas e sociais. In: ALVES, José Augusto; CAMPOS, Pedro e BRITO, Pedro Quelhas (coord.). *O Futuro da Internet – Estado da arte e tendências de evolução*. Lisboa: Centro Atlântico, 1999.

SOARES, Luís. Contra a Corrente: Sete premissas para construir uma comunidade virtual. In: ALVES, José Augusto; CAMPOS, Pedro; BRITO, Pedro Quelhas (coord.). *O Futuro da Internet – Estado da arte e tendências de evolução*. Lisboa: Centro Atlântico, 1999.

TEMPASS, Martín César. *Orerémbiú: a relação das práticas alimentares e seus significados com a identidade étnica e a cosmologia Mbyá-Guarani*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.